

PALMEIRAS E PRESIDENTES

TRADUÇÃO (DO INGLÊS NORTE-AMERICANO)
DE MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA

•

O. HENRY



PROÉMIO PELO CARPINTEIRO

Dir-vos-ão em Anchúria que o Presidente Miraflores, daquela volúvel república, morreu pela sua própria mão na cidade costeira de Corálio; que chegara até aí fugindo aos inconvenientes de uma revolução iminente; e que cem mil dólares, fundos governamentais, que trazia numa pasta americana, de couro, como recordação da sua tempestuosa administração, nunca foram recuperados.

Por um *real*, um rapaz vos mostrará a sua campa. Está por trás da cidade perto de uma ponte que passa sobre um pântano arborizado. Uma simples tabuleta de madeira orna-lhe a cabeceira. Alguém gravou na estela tumular, com um ferro em brasa, esta inscrição:

RAMON ANGEL DE LAS CRUCES
Y MIRAFLORES
PRESIDENTE DE LA REPUBLICA
DE ANCHURIA
QUE SEA SU JUEZ DIOS

É característica deste povo alegre não perseguir um homem para lá do túmulo. «Que Deus seja o seu

juiz». Mesmo com os cem mil nunca recuperados, se bem que muito cobizados, o alarido não foi além disso.

Ao estrangeiro ou ao hóspede o povo de Corálio relatará a história do fim trágico do seu antigo presidente; como ele se empenhou em escapar do país com os fundos públicos e também com *Doña* Isabel Guilbert, a jovem cantora de ópera americana; e como, sendo aprisionado por membros do partido político contrário em Corálio, preferiu dar um tiro na cabeça a perder os fundos e, em consequência, a *Señorita* Guilbert. Relatarão ainda que *Doña* Isabel, com a sua barca da fortuna encalhada pela perda simultânea do seu distinto admirador e dos cem mil de recordação, largou âncora naquela costa estagnada, à espera da preia-mar.

Dizem, em Corálio, que ela achou uma pronta e próspera maré na forma de Frank Goodwin, um americano residente na cidade, um investidor que enriquecera negociando com os produtos do país – um rei da banana, um príncipe da borracha, um barão da salsaparrilha, anil e mogno. A *Señorita* Guilbert, ser-vos-á dito, casou-se com o *Señor* Goodwin um mês depois da morte do presidente, desta forma, no momento em que a fortuna deixava de sorrir, sacando-lhe um prémio maior que o perdido.

Do americano, *Don* Frank Goodwin, e de sua esposa, os nativos só têm a dizer bem. *Don* Frank viveu entre eles durante anos, e obteve-lhes o respeito. A sua dama é facilmente rainha daquela vida social que a sóbria costa oferece. A própria esposa do governador do distrito, que era da orgulhosa família castelhana

dos Monteleon y Dolorosa de los Santos y Mendez, sente-se honrada ao desdobrar o seu guardanapo com mãos cor de azeitona e cheias de anéis à mesa da *Señora* Goodwin. Se vos referísseis (com os vossos preconceitos nortistas) ao passado vivaz da *Señora* Goodwin, quando o seu audacioso e alegre abandono na ópera ligeira prendeu as atenções do maduro presidente, ou à sua comparticipação no declínio e mau procedimento daquele estadista, o encolher de ombros latino será a vossa única resposta e refutação. Ideias preconcebidas que haja em Corálio sobre a *Señora* Goodwin parecem ser agora em seu favor, quaisquer que tenham sido no passado.

Pareceria que esta história terminou, em vez de começar; que o encerramento da tragédia e auge dum romance cobriram o terreno do interesse; mas para o leitor mais curioso será de ligeira instrução seguir os fios apertados que jazem sob a teia engenhosa das circunstâncias.

A estela com o nome do Presidente Miraflores é diariamente esfregada com sabão e areia. Um velho mestiço índio cuida da campa com fidelidade e a minúcia de pormenores da preguiça herdada. Corta as ervas daninhas e a vegetação que cresce permanentemente, com o seu machete, cata formigas e escorpiões e escarvelhos com os dedos calejados, e borriфа a relva com água da fonte da *plaza*. Não há campa tão bem cuidada e ordenada em lado algum.

Só seguindo os fios subjacentes ficará claro porque o velho índio, Galvez, é pago secretamente para manter

verde a sepultura do Presidente Miraflores por uma pessoa que nunca viu o infelizmente estadista vivo ou morto, e porque essa pessoa tem o hábito de passear no crepúsculo, lançando de longe olhares de tristeza gentil sobre aquele montículo desonrado.

Em qualquer outro sítio que não Corálio, ouve-se falar da impetuosa carreira de Isabel Guilbert. Nova Orleães deu-lhe nascimento e deu-lhe também a natureza crioula misturada de francês e espanhol que lhe coloriu a vida com tal turbulência e calor. Tinha pouca educação, mas um conhecimento dos homens e dos motivos que lhe parecia ter vindo por instinto. Muito mais que uma mulher vulgar, ela estava imbuída de uma temeridade intrépida, de um amor à continuação da aventura até ao limite do perigo, e de um desejo pelos prazeres da vida. O seu espírito era dos que se impacientam sob qualquer freio; era Eva depois da queda, mas antes da amargura desta ser sentida. Trazia a vida como uma rosa ao peito.

Da legião de homens que tivera aos seus pés dizia-se que só um fora suficientemente feliz para lhe prender as atenções. Ao Presidente Miraflores, o brilhante mas instável dirigente de Anchúria, ela atirara a chave do seu resoluta coração. Como, então, vamos encontrá-la (como os coralianos vos podem dizer) mulher de Frank Goodwin, e a viver com felicidade uma vida de inactividade morna e sonhadora?

Os fios subjacentes estendem-se longe, esticando-se para lá do mar. Seguindo-os, compreenderemos porque «Shorty» O'Day, da Agência de Detectives Columbia,

se demitiu. E, como passatempo mais ligeiro, será um dever e desporto agradável vaguear com Momus sob as estrelas dos trópicos onde outrora Melpómene caçava austera. Agora, fazer que os risos ecoem por aquelas profusas florestas e despenhadeiros carrancudos onde antes se ouviam os gritos das vítimas dos piratas; pôr de lado pique e cutelo e atacar com ironia e jovialidade; extrair um sorriso sabido de alegria do capacete ferrugento do Romance – isto era agradável de fazer à sombra dos limoeiros daquela costa, que é curva como uns lábios preparados para sorrir.

Porque há ainda histórias do Mar das Antilhas. Aquele segmento de continente lavado pelo tempestuoso Caraíbas, e apresentando ao mar uma formidável fronteira de floresta tropical, está ainda recheado de mistério e romance. Nos tempos passados, os bucaneiros e os revolucionários levantaram os ecos dos seus penhascos e o condor pairava perpetuamente no alto dos lugares onde, nos bosques verdes, eles lhe forneciam comida com as suas pederneiras e o seu aço de Toledo.

Conquistadas e voltadas a conquistar pelos vagabundos do mar, pelos poderes adversos e pelos levantamentos inesperados de facções rebeldes, as históricas trezentas milhas de costas aventureosas mal conheceram durante centenas de anos a quem chamar senhor com verdade. Pizarro, Balboa, Sir Francis Drake, e Bolívar fizeram o possível por as tornarem parte da Cristandade. Sir John Morgan, Lafitte e outros eminentes ferrabrases bombardearam-nas e saquearam-nas em nome de Abaddon.

O jogo continua ainda. Os canhões dos vagabundos dos mares silenciaram-se; mas o homem dos tipos de chumbo, o bandido da fotografia ampliada, o turista de «kodak» e as guardas avançadas da gentil brigada de faquires descobriram-nas, e continuam o trabalho. Os vendedores ambulantes da Alemanha, da França e da Sicília ensacam agora os seus trocos miúdos por cima dos balcões. Cavalheiros aventureiros infestam as antecâmaras dos seus dirigentes com propostas para caminhos-de-ferro e concessões. As pequenas nações de *opéra-bouffe* brincam aos governos e às intrigas até que algum dia uma grande e silenciosa canhoneira desliza junto das suas costas e os previne de que não partam os brinquedos. E com estas mudanças vem também o pequeno aventureiro, com bolsos vazios para encher, leve de coração, pesado de cérebro – o moderno príncipe encantado, que traz um despertador com o qual, mais seguramente do que com o beijo sentimental, despertará os belos trópicos do seu sono de séculos. Geralmente ostenta um trevo⁽¹⁾ que compara orgulhosamente com as extravagantes palmeiras; e é ele quem conduz Melpómene às asas, e põe a Comédia a dançar diante das luzes da ribalta do Cruzeiro do Sul.

Assim, eis um pequeno conto para falar de muitas coisas. Talvez ao ouvido promíscuo da Morsa ele chegue com proveitos maiores; porque há nele na verdade sapatos e navios e lacre e palmeiras-couve e presidentes em vez de reis.

(¹) Emblema da Irlanda. (N. T.)

Juntai a isto um pouco de amor e conspiração, e espalhai por todos os lados no meio do labirinto uma pista de dólares tropicais – dólares aquecidos menos pelo sol tórrido que pelas mãos escaldantes dos olheiros da Fortuna – e depois de tudo, parece estar aqui a Vida em pessoa, com bastante conversa para cansar a mais faladora das Morsas.

«ESCONDE-ESCONDE»

Corálio reclinava-se, no calor do meio-dia, como qualquer beldade recostada num harém guardado. A cidade estava à beira-mar, numa faixa de costa de aluvião. Era como uma pequena pérola numa listra esmeralda. Por detrás, e parecendo quase tropeçar, eminentemente, por cima dela, elevava-se a *Cordillera*, seguindo o mar. Fronteiro, estendia-se o mar, um carcereiro sorridente, mais incorruptível ainda que as carrancudas montanhas. As ondas varriam a costa macia; os papagaios grilavam nas laranjeiras e nas cabaceiras; as palmeiras faziam ondear estupidamente as frondes como um coro desajeitado ao ouvir a deixa para a entrada da prima-dona.

Subitamente, a cidade encheu-se de excitação. Um rapaz nativo largou a correr por uma rua onde cresciam ervas, guinchando:

— *Busca el Señor Goodwin. Ha venido un telégrafo por el!*

A palavra foi rapidamente passada. Não era vulgarmente que chegavam telegramas fosse para quem fosse em Corálio. O chamamento do *Señor Goodwin* foi secundado por uma dúzia de vozes oficiosas. A rua

principal, que corria paralela à praia, ficou povoada por aqueles que desejavam apressar a entrega do despacho. Magotes de mulheres, cuja tez variava desde o azeitona-pálido até ao moreno mais profundo, agruparam-se nas esquinas entoando plangentemente:

— *Un telégrafo por Señor Goodwin!*

O comandante, *Don Señor* el Coronel Encarnación Rios, que era leal aos «De dentro» e suspeitava da dedicação de Goodwin aos «De fora», sibilou: — Ah! — e escreveu na sua agenda secreta o facto acusador de o *Señor Goodwin* ter recebido naquela data particular um telegrama.

No meio da confusão, um homem veio à porta de um pequeno edifício de madeira e espreitou. Por cima da porta havia uma tabuleta que dizia «Keogh & Clancy» — uma nomenclatura que não parecia indígena daquele solo tropical. O homem à porta era Billy Keogh, batedor da fortuna e do progresso, e corsário moderno do Mar das Antilhas. Daguerreótipos e fotografias eram as armas com que nessa altura Keogh e Clancy estavam a assaltar as costas indefesas. Fora da loja havia duas grandes molduras cheias de espécimes da sua arte e habilidade.

Keogh encostou-se à ombreira, com o semblante aberto e bem-humorado mostrando um ar de interesse para com o inusitado influxo de vida e ruído na rua. Quando o significado da agitação se lhe tornou claro, pôs uma das mãos ao lado da boca e gritou: — Eh, Frank — com uma voz de tal forma robusta que o débil clamor dos nativos foi afogado e se calou.

A umas cinquenta jardas, do lado da rua que ficava mais perto do mar, estava a residência do cônsul dos Estados Unidos. Da porta deste edifício saiu Goodwin, acorrendo à chamada. Tinha estado a fumar com Willard Geddie, o cônsul, no alpendre das traseiras do consulado, que todos consideravam o sítio mais fresco de Corália.

— Despacha-te — gritou Keogh. — Há um motim na cidade por causa dum telegrama que veio para ti. Tens de ter cuidado com essas coisas, meu rapaz. Não é bom brincar com os sentimentos do público. Um dia recebes um bilhete cor-de-rosa com cheiro a violetas, e o país será assolado por uma revolução.

Goodwin subira a rua e apanhara o rapaz com a mensagem. As mulheres de olhos bovinos olhavam-no com admiração envergonhada, pois o tipo dele atraía-as. Era grande, louro e garbosamente vestido de linho branco e *zapatos* de camurça. Tinha modos cortes, com uma espécie de truculência amigável, tudo temperado com um olhar misericordioso. Quando o telegrama estava entregue e o portador dele despedido com uma gratificação, a população aliviada regressou às vizinhanças ensombradas das quais a curiosidade as havia arrancado — as mulheres ao seu pão que cozia nos fornos de barro sob as laranjeiras ou ao pentear interminável do seu cabelo longo e escorrido; os homens aos seus cigarros e conversas nas *cantinas*.

Goodwin sentou-se à soleira da porta de Keogh, e leu o telegrama. Era de Bob Englehart, um americano que vivia em San Mateo, a capital de Anchúria,

a oitenta milhas para o interior. Englehart era mineiro de ouro, revolucionário ardente e «boa pessoa». Que era um homem de expediente e imaginação prova-o o telegrama que expedira. Era tarefa sua mandar uma mensagem confidencial ao seu amigo de Corália. Isto não poderia ter sido feito em espanhol nem em inglês, pois o olho político em Anchúria era vivo. Os «De dentro» e os «De fora» estavam perpetuamente em guarda. Só havia um código a que podia recorrer com promessas de segurança — o grande e poderoso código do Calão. Assim, eis a mensagem que passou, por interpretar, por entre os dedos dos oficiais curiosos, e chegou aos olhos de Goodwin:

«O pardal pôs-se ontem na alheta escarranchado num jerico com toda a pasta do caixote e o embrulho de musselina por que anda babado. Faltam seis algarismos à tabuada. A nossa malta está em forma mas precisa da música. Apanha-a. O gajo e as mercearias vão direitinhos à panela grande. Sabes o que fazer. — *Bob*».

Esta salada, notável como era, não tinha mistério para Goodwin. Ele era o mais bem-sucedido de todos os da pequena guarda avançada de especuladores americanos que tinham invadido Anchúria, e não chegara àquele invejável pináculo sem exercer bem as artes de providência e dedução. Metera-se na política como num negócio. Era tão fino que tinha certa influência entre os principais conspiradores, e era suficientemente próspero para adquirir o respeito dos funcionários menores. Havia sempre um partido revolucionário; e a ele sempre se aliara; porque os aderentes a uma nova

administração recebiam a recompensa dos seus trabalhos. Havia agora um Partido Liberal que procurava derrubar o Presidente Miraflores. Se a roda desse a volta com sucesso, Goodwin ganharia uma concessão de 30 000 *manzanas* das melhores terras de café do interior. Certos incidentes na carreira recente do Presidente Miraflores haviam despertado na mente de Goodwin uma suspeita aguda de que o governo estava perto de uma dissolução devida a outra causa que não uma revolução, e agora o telegrama de Englehart vinha como confirmação da justeza da sua ideia.

O telegrama, que permanecera ininteligível aos linguistas anchurianos que lhe tinham aplicado em vão os seus conhecimentos de espanhol e inglês elementar, trazia notícias estimulantes à compreensão de Goodwin. Informava-o que o presidente da república fugira da capital com o conteúdo do tesouro. Além disso, vinha acompanhado na fuga pela aventureira Isabel Guilbert, a cantora de ópera, cuja companhia o presidente mantivera em San Mateo durante o último mês numa escala menos modesta que a que muitas vezes contenta visitantes reais. A referência ao «jerico» só podia significar o sistema de transporte a dorso de mula que prevalecia nas ligações entre Corálio e a capital. A alusão a que «Faltavam seis algarismos à tabuada» mostrava de maneira lamentavelmente clara o estado do tesouro nacional. Era também convencedoramente certo que o partido que ia entrar – de maneira que se lhe tinha agora tornado pacífica – necessitaria da «música». A menos que as suas promessas fossem cumpridas, e

os despojos mantidos para deleite dos vencedores, a situação do novo governo seria na verdade precária. Por isso, era absolutamente necessário «apanhar o gajo» e recapturar as fibras da guerra e do governo. Goodwin estendeu a mensagem a Keogh.

— Lê isto, Billy — disse ele. — É do Bob Enghlehart. Podes decifrar?

Keogh estava sentado na outra metade da soleira, e estudou cuidadosamente o telegrama.

— Isto não é uma cifra — disse finalmente. — Isto é o que se chama literatura, e isto é um sistema de linguagem posto na boca de pessoas a quem nunca foram apresentados, pelos escritores de imaginação. As revistas inventaram-no, mas não me consta que o Presidente Norvin Green lhe tenha posto o selo de aprovação. Agora já não é literatura, mas linguagem. Os dicionários tentaram, mas não a podiam fazer passar por outra coisa além de dialecto. Claro, agora que a Western Union a aceita, não faltará muito que surja uma raça de gente que a fale.

— Estás a ir muito para a filologia, Billy — notou Goodwin. — Entendes o sentido?

— Claro — retorquiu o filósofo da Fortuna. — Todas as línguas são simples para os homens que as têm de entender. Nem sequer deixei de compreender uma ordem de evacuação em chinês clássico já que ela estava apoiada pela boca de uma carabina de carregar pela culatra. Este pequeno ensaio literário que tenho na mão significa um jogo de «Esconde-esconde». Alguma vez brincaste a isso quando eras miúdo, Frank?